



PLE Ícaro Sol, estudante de Engenharia, e a mãe, a professora Luciana Salgado, da Matemática, sintetizam em um lar a experiência da comunidade acadêmica nas aulas remotas

Páginas 6 e 7

CORTE DE VERBAS EM 2021 JÁ OBRIGA UFRJ A REDUZIR GASTOS

Página 8

HORA DE RESPEITAR A DIVERSIDADE ACADÊMICA

Com a participação de 235 docentes, assembleia virtual da UFRJ debateu pontos que devem orientar definição de calendário para os próximos semestres. Em enquete preparada pela diretoria da AdUFRJ, professores avaliaram que calendário de 2021 deve começar a partir de maio e que não deve haver sobreposição entre o PLE e o 2020.1. Por 120 a 104 votos, os docentes consideraram que as unidades acadêmicas podem ter flexibilidade para definir o começo e o fim de 2020.1 e 2020.2. “A assembleia mostrou que devemos respeitar a pluridade e a diversidade da UFRJ e a qualidade do trabalho docente”, analisou a presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller.

Páginas 3, 4 e 5

QUAL SERÁ NOSSO CALENDÁRIO

EDITORIAL

VAMOS AO CEG!!!!

DIRETORIA

O processo que nos levou à criação e instauração do chamado PLE - Período Letivo Excepcional - acumulou uma diversidade muito grande nas diversas unidades da UFRJ. O seu caráter opcional abriu a possibilidade de inúmeras propostas para sua implantação, todas legítimas e em consonância com o texto da resolução que o criou. Por acreditar na justiça contida nas diversas propostas construídas pelas unidades durante o debate das últimas semanas, entendemos que a melhor saída para a universidade seja o reconhecimento desse grau de heterogeneidade, que está, inclusive, expresso nas mais diversas propostas de calendários apresentadas nas últimas reuniões dos Centros e Congregações. A PR-1, ao propor a concomitância do PLE e de 2020.1, abriu a possibilidade de convivência de dois semestres distintos, confirmando que é possível que estes possam funcionar ao mesmo tempo. Se esta flexibilidade é passível de ser implementada, perguntamos: não é possível criarmos um modo de funcionamento que contemple a efetiva incorporação do PLE em 2020.1 para as unidades que assim optarem, e outro que abra espaço para um 2020.1 sequencial ao PLE, para aquelas que não concordarem com a mudança? Isso poderá permitir que os cursos que abriram muitas disciplinas e vagas tenham mais tranquilidade para organizar seus calendários sem duplicar esforços, assim como possibilitará aos cursos que abriram menos disciplinas obrigatórias no PLE - por entender que era um período experimental - um tempo hábil para organizar o seu fluxo pedagógico. Reconhecemos que tal proposta é um grande complicador do ponto de vista burocrático, mas entendemos que tal entrave empalidece diante da perspectiva de oferecermos uma solução condizente com a enorme diversidade da UFRJ e com as diferentes compreensões do que é o PLE.

Essa proposta implicará em alguma defasagem entre o início do período de alguns cursos, gerando calendários diferentes, ao menos durante o ano de 2021. Não negamos que isso possa ser um problema, mas entendemos que seria a melhor forma de proteger e respeitar o trabalho docente. Trata-se, infelizmente, de escolher o menor prejuízo, já que o cenário de pandemia mundial, severa crise econômica e desgoverno federal nos colocam ainda

Foi para dar mais amplitude a essa discussão que chamamos uma assembleia geral dos docentes.

Era preciso saber como os professores estariam vendo a situação, como se posicionariam diante das várias opções que se apresentavam nas diversas unidades e campi.

enormes desafios.

Foi para dar mais amplitude a essa discussão que chamamos uma assembleia geral dos docentes. Era preciso saber como os professores estariam vendo a situação, como se posicionariam diante das várias opções que se apresentavam nas diversas unidades e campi. O resultado também expressou a divisão que a universidade vive hoje. Difícil pela votação que realizamos (vide resultado completo na página 3) poder afirmar qual é a posição majoritária entre os docentes. Sim, estamos divididos. Podemos afirmar, no entanto, que existe um sentimento generalizado de que precisamos estar atentos aos prazos para o início do próximo ano letivo e que, se for preciso, é possível compactar o semestre ou reduzir o tempo de intervalo entre os semestres. Também observamos uma pequena predominância em relação à ideia de que é preciso flexibilizar o calendário, permitindo abarcar de forma mais extensiva a heterogeneidade entre os diversos cursos. Com todas as dificuldades que implicam em uma assembleia virtual, acreditamos que demos um passo importante. Longe de resolver a questão, a assembleia apenas indicou que há muito ainda a caminhar. Até porque, mesmo sem ter sido levado à votação, muitos professores defenderam a posição de que todo esse debate é precipitado, uma vez que ainda nem mesmo avaliamos o PLE e sua repercussão entre os estudantes e professores, quanto mais partimos para definirmos os próximos semestres.

Ou seja, talvez não tenhamos ajudado tanto quanto gostaríamos no sentido de oferecer uma solução para o impasse. A resposta ainda está para ser construída. Mas seja qual for o resultado, precisamos sair dele mais fortalecidos. Os próximos meses serão cada vez mais difíceis, pois nossos inimigos não nos darão descanso: retornam aos grandes jornais o discurso da redução salarial do funcionalismo, da necessidade de pagamento de mensalidades nas universidades públicas e de um possível corte linear de 18% no orçamento de 2021 que, se aprovado, terá consequências catastróficas.

NOTA DA REDAÇÃO

As polêmicas opções de calendário acadêmico foram o tema da roda de conversa do Tamo Junto, encontro organizado pelo sindicato docente todas as sextas-feiras. No dia 21, os professores discutiram as propostas apresentadas pela reitoria, Centros e unidades e divulgadas na edição passada do **Jornal da AdUFRJ**

CINEMA INDÍGENA EM DEBATE

■ Hoje, eu faço os meus filmes independentes. Faço edição, fotografia e produção sozinho. Eu não dependo mais dos brancos", disse o cineasta indígena Takumã Kuikuro, na última sessão do CineAdUFRJ. O cineclubista virtual, parceria do sindicato com o Grupo de Educação Multimídia da Faculdade de Letras, debateu no dia 26 a execução cinematográfica do ponto de vista indígena. "O tempo todo, acordado ou dormindo, eu fico pensando e construindo ideias. Sonhando com câmera, editando no sonho. Acordo e penso: o que eu posso fazer hoje?", contou Takumã, diretor de "Pele de Branco" e "O dia em que a lua menstruou". Bernardo Oliveira, professor da Faculdade de Educação da UFRJ, des-



tacou a autonomia e originalidade das produções indígenas. "Temos aí algo realmente novo. Algo que não temos a mínima ideia de onde vai dar, e que bom. Isso é a coisa mais importante no cinema brasileiro atual", afirmou. **(Kim Queiroz)**

NÍSIA TRINDADE E NOCA DA PORTELA HOMENAGEADOS

■ O Conselho do dia 27 concedeu o título de Professora Honoris Causa a Nísia Trindade, presidente da Fiocruz, primeira mulher a presidir a instituição fundada há 120 anos. O colegiado também concedeu o título de Doutor Honoris Causa a Noca da Portela, baluarte do samba e compositor de mais de 400 músicas. As homenagens foram aprovadas por unanimidade e aclamação.

FORMAS-UFRJ PREPARA DEFESA CONJUNTA DA UNIVERSIDADE

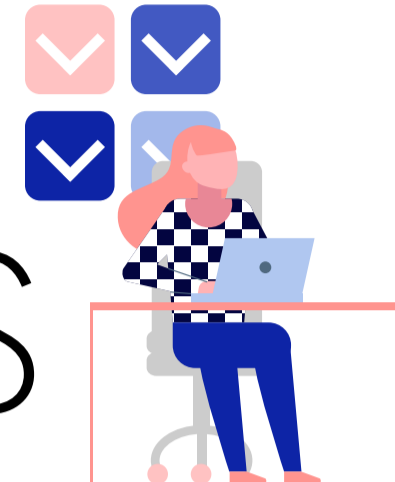
■ O Formas-UFRJ, fórum que congrega as entidades sindicais e estudantis da UFRJ, reuniu-se com a reitoria no dia 27. As implicações da Instrução Normativa nº 65 (que regulamenta o teletrabalho) do Ministério da Economia, os cortes orçamentários anunciados para 2021 e os problemas do PLE foram alguns dos temas discutidos. Os representantes dos diferentes segmentos e da administração central começaram a esboçar uma campanha conjunta em defesa da universidade diante dos ataques do governo.

CONSUNI CELEBRA 100 ANOS DA UFRJ

■ O Conselho Universitário aprovou, por unanimidade, uma carta para celebrar os 100 anos da instituição, fundada em 7 de setembro de 1920. O documento reafirma os compromissos da UFRJ com a defesa do conhecimento, da vida e com os princípios republicanos e democráticos. Mas também cobra investimento e valorização dos governos para a universidade desempenhar seu papel social.

QUAL SERÁ O AMANHÃ

DOCENTES QUEREM PERÍODOS FLEXÍVEIS



ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrrj.org.br

Um calendário acadêmico para UFRJ flexível, mas com um horizonte de regularização no segundo semestre de 2021, é o que aponta a consulta organizada pela diretoria da AdUFRJ, na Assembleia Geral online, do dia 28. "A consulta indicou que existe o desejo de que a universidade encontre uma forma de combinar tanto a possibilidade dos períodos sequenciais quanto a concomitância do Período Letivo Excepcional com 2020.1", avaliou a presidente da entidade, professora Eleonora Ziller, depois do resultado.

Um total de 235 docentes responderam ao questionário proposto pela diretoria. A votação foi aberta depois das duas primeiras horas de debate. "Estamos construindo um calendário específico alternativo foi descartada por consenso pela Assembleia Geral. "Ao CEG do dia 21, as unidades e Centros indicaram nove formulações sobre datas. "Tentamos sistematizar um conjunto de preocupações apresentadas pelos docentes, nas mais diversas discussões que acompanhamos no último período, aquilo de mais essencial que tem surgido como divergência, para levarmos ao Conselho de Graduação", apresentou Eleonora no início da reunião.

O levantamento da AdUFRJ abordou cinco temas-chave: se a universidade deveria definir o início do calendário acadêmico de 2021 para maio/junho; qual o tempo mínimo de intervalo entre os períodos letivos regulares; se haveria a possibilidade de compactação dos períodos regulares; se haveria a possibilidade de concomitância entre 2020.1 e o PLE; e, finalmente, sobre a possibilidade de calendários mais flexíveis, optando ou não pela concomitância dos períodos. Os resultados podem ser conferidos na tabela.

O último ponto foi considerado estratégico pela diretoria da entidade. "O apoio à flexibilização é

ENQUETE

• PERGUNTA 1: A universidade deve definir o início do calendário acadêmico de 2021 para maio/junho?	• RESULTADOS
<input type="checkbox"/> Favorável	108
<input type="checkbox"/> Contrário	76
<input type="checkbox"/> Abstenção	46
• PERGUNTA 2: Para os critérios de ajuste do calendário, é preciso definir um tempo mínimo de intervalo entre os períodos letivos regulares?	
<input type="checkbox"/> Sim, 3 semanas	106
<input type="checkbox"/> Sim, 2 semanas	97
<input type="checkbox"/> Não é necessário	17
<input type="checkbox"/> Abstenção	9
<input type="checkbox"/> Sim, 1 semana	6
• PERGUNTA 3: Para os critérios de ajuste do calendário, pode haver a compactação dos períodos regulares?	
<input type="checkbox"/> Favorável	155
<input type="checkbox"/> Contrário à compactação (mínimo de 15 semanas)	61
<input type="checkbox"/> Abstenção	16
• PERGUNTA 4: Concorda com a concomitância entre 2020.1 e PLE?	
<input type="checkbox"/> Contrário	142
<input type="checkbox"/> Favorável	82
<input type="checkbox"/> Abstenção	9
• PERGUNTA 5: Concorda com a possibilidade de as unidades terem flexibilidade na gestão do PLE e dos semestres 2020-1 e 2020-2, optando ou não pela concomitância dos períodos?	
<input type="checkbox"/> Favorável	120
<input type="checkbox"/> Contrário	104
<input type="checkbox"/> Abstenção	7

opção que permite à comunidade sair mais forte desse processo, pois organiza tanto questões de carga de trabalho como a resposta que a sociedade espera da universidade", defendeu o professor Josué Medeiros. Por 120 a 104, os docentes consideram que as unidades acadêmicas podem ter flexibilidade para definir o começo e o fim de 2020.1 e 2020.2.

Libânia Xavier, professora da Faculdade de Educação, aprovou o sistema de votação proposto pela diretoria. "Os professores não devem perder a oportunidade de demarcar princípios". A

professora do Colégio de Aplicação, Cristina Miranda, também concordou com a necessidade de indicar "princípios importantes", como o tamanho mínimo para o semestre, intervalos letivos e o direito de férias. E reforçou que as decisões sobre calendário cabem aos colegiados superiores da universidade.

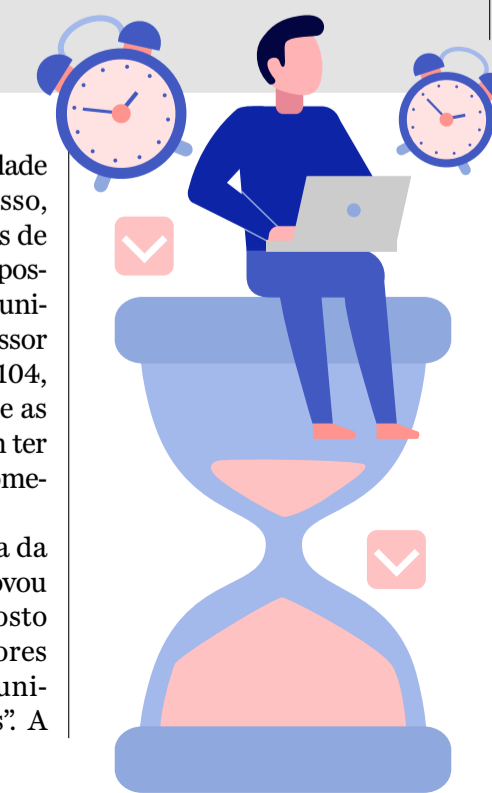
Um conjunto de professores da oposição à gestão da AdUFRJ defendeu a suspensão do debate sobre 2020.1 e 2020.2 até que haja a finalização e uma avaliação do período letivo excepcional. "Não termos qualquer tipo de balanço

nos coloca às cegas para tomar uma decisão importante e que muito nos implica em termos de condições de trabalho", argumentou Rodrigo Almeida, professor do Instituto de Química. Além disso, houve algumas críticas ao sistema de votação. "As consultas (organizadas pela AdUFRJ) não podem ficar restritas aos proponentes. Era desejo de parte considerável dos professores que o ponto fosse colocado em votação", criticou José Miguel Saldanha, da Poli.

A diretoria da AdUFRJ esclareceu que a pauta da enquete foi remetida ao Conselho de Representantes previamente. E que não recebeu sugestões a serem acrescentadas no sistema eletrônico da consulta antes da assembleia. A professora Eleonora Ziller destacou que a contratação de uma empresa de informática para garantir um processo de votação distinto do disponível pela plataforma zoom atendeu a uma demanda da Assembleia Geral anterior. "Estamos aprimorando o método nessa realidade virtual nova para todos nós", disse, ressaltando que a votação teve caráter consultivo e experimental.

Houve ainda críticas que consideraram que debater calendário não seria papel do sindicato, mas que a AdUFRJ deveria se debruçar tão somente sobre as questões trabalhistas que envolvem o ensino remoto. "A AdUFRJ nasceu da discussão sobre a carreira. E não de uma agenda corporativa", rebateu o professor Hélio de Mattos, da Farmácia. "Calendário é o assunto que mais atormenta os professores da UFRJ hoje", completou o professor Felipe Rosa, vice-presidente da entidade.

A definição de um prazo para regularização do calendário foi sustentada por outros docentes. "Também é um princípio ter um horizonte para que possamos fazer nosso planejamento e melhor nos adaptar", argumentou Marta Castilho, do Instituto de Economia. "O debate sobre o futuro da universidade não pode ficar interditado pela questão da avaliação do PLE", concordou a professora do Instituto de História, Maria Paula Araújo, ex-diretora da seção sindical.





Unidades e centros debatem calendário

SILVANA SÁ e KELVIN MELO
comunica@adufrrj.org.br

Às vésperas de completar 100 anos, a UFRJ vive a incerteza de como será o amanhã. Literalmente. Ao longo da semana, entre uma aula remota e outra do Período Letivo Excepcional, os professores avaliaram as propostas de calendário acadêmico para os próximos semestres. A decisão caberá ao Conselho de Ensino de Graduação na próxima quarta-feira, dia 2. Nove propostas foram apresentadas ao CEG na reunião do dia 21. A reitoria também voltou atrás e divulgou sua segunda proposição. A anterior previa períodos muito curtos e não permitia intervalos entre os semestres letivos.

A segunda sugestão de datas assimilou parte das críticas feitas à primeira proposta: dilatou os semestres e colocou intervalos entre os períodos. Mas passou a considerar uma sobreposição entre o PLE e 2020.1, de setembro a novembro. A intenção dos centros é apresentar propostas que melhor atendam às realidades de suas unidades e, a partir daí, tentar ajustes no CEG. A tarefa não é fácil e reflete a enorme diversidade da instituição. Há questões que vão desde a exaustão provocada pelo trabalho remoto e as consecutivas mudanças no PLE, até a necessidade de adaptação entre disciplinas obrigatórias e eletivas ofertadas no período excepcional antes do início de um semestre regular.

No Centro de Ciências da Saú-



de, o decano Luiz Eurico Nasciuti explicou que as 14 unidades, que reúnem os 28 cursos de graduação da área, estão realizando reuniões ao longo de toda a semana em busca de consensos que possam ser defendidos no Conselho de Coordenação, marcado para o dia 31. “Não deliberamos ainda sobre o tema, mas discutimos princípios. Somos favoráveis a quem aderiu ao PLE seja liberado de um dos períodos regulares. Além disso, não é possível que haja período com menos de 12 semanas. Este é o mínimo aceitável”, argumentou.

O professor Walter Suemitsu, decano do Centro de Tecnologia, também informou que o CT ainda não tem posição fechada, mas que a sobreposição de períodos não seria um problema para os professores do CT. “Sabemos que há uma diversidade grande, mas essa justaposição nos atende”, disse.

Na sua visão, a melhor saída para a universidade seria montar um calendário flexível, para se ajustar aos diferentes níveis de adesão ao PLE. “A maior parte das disciplinas do CT foi oferecida. Na Escola de Química, 100% dos calouros se inscreveram. Mas esta não é a realidade de todos os centros. Por isso, acredito que deveria haver algumas datas como marcos em torno dos quais as unidades poderiam se organizar, mas com alguma flexibilidade para não penalizar nem quem aderiu nem quem não aderiu ao período excepcional”, explicou.

Diretora da Faculdade de Letras, a professora Sonia Reis afirmou que a unidade apoia a proposição formulada pela Escola de Comunicação. A ECO sugere um planejamento até 2022.1, com períodos sequenciais, sem concomitância, com duração mínima de 12 semanas,

férias de 48 dias e intervalos administrativos de 22 dias entre os semestres. “Entendemos que é a mais equilibrada, que leva em conta todas as decisões tomadas pelo CEG”, argumentou. A Letras tem mais de quatro mil alunos em 26 cursos de graduação. Desse, 600 aderiram ao PLE. “Este é um considerando importante para nós. Portanto, não apoiamos que o PLE se transforme em 2020.1, nem concordamos com períodos simultâneos. Não temos como iniciar um novo semestre em setembro”, disse a docente.

A proposta da reitoria repercutiu também na plenária de decanos e diretores do dia 25. Diretor do Instituto de Biofísica, o professor Bruno Diaz enfatizou que as unidades ofertaram vagas no PLE sem saber que, depois, haveria a possibilidade de sobreposição com 2020.1. Para Bruno, seria impossível

conciliar as atividades dos dois períodos. “A maior parte dos professores está optando por fazer atividade síncrona gravada, que tem sido também o formato preferido dos alunos”.

O diretor lembrou que a inscrição no PLE era facultativa e questionou a ideia da PR-1 de o professor não ministrar a mesma disciplina em 2020.1, se tiver feito uma oferta “adequada” de vagas no PLE. Segundo o docente, alunos que decidiram aguardar um período regular ficariam sem ter como cursá-la em 2020.1. “A proposta que fiz ontem no Conselho de Centro é que se tome a decisão de acabar o PLE e tenhamos apenas o período regular para evitar que alunos e professores sejam prejudicados”, disse.

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo promoveu adaptações de algumas disciplinas teórico-práticas para oferecimento no PLE. O diretor Guilherme Lassance citou a necessidade de criação de turmas menores e uso de atividades síncronas para favorecer a orientação dos alunos nestes casos. “Temos um PLE começando a funcionar e preocupa, no meio do caminho, sermos obrigados a voltar a uma oferta obrigatória, de março, sem conseguir compatibilizar com as adaptações que fizemos agora”, disse.

Diretora da Escola Politécnica, a professora Cláudia Morgado informou que a unidade ofertou 98% de toda a grade de 2020.1. E defendeu a concomitância. “Se não, teríamos três períodos até maio”. Mas explicou que o primeiro período de 2020 sobreposto ao PLE deve ser considerado como complementar. “Na verdade, não podemos dizer que esses períodos são regulares. Não estamos numa situação regular”, completou. A professora defendeu que os professores devem ser obrigados a dar pelo menos dois PLEs – de três – até maio, fazendo com que os alunos integrem um ano letivo nos currículos. “Na minha equação, PLE1 mais PLE2 mais PLE3 é igual a 2020.1 mais 2020.2”, concluiu.

defendê-lo tanto nas instâncias universitárias quanto fora delas”.

O Diretório Central dos Estudantes tem solicitado aos docentes que todo o conteúdo do Período Letivo Excepcional seja assíncrono, ou seja, disponibilizado para acesso a qualquer momento, mas muitos professores manifestaram receio quanto ao uso desse material gravado fora do contexto das aulas.

“Acabamos de ver o governo Bolsonaro sofrendo uma derrota no STF por conta de um dossiê feito ilegalmente contra

professores antifascistas, fora o movimento do Escola sem Partido”, lembrou Josué. “Nessa situação nova e inédita, esse receio dos professores é tão legítimo quanto a demanda dos estudantes”, completou.

O termo de confidencialidade e o tutorial foram divulgados no site e nas redes sociais da AdUFRJ. Também foram distribuídos por e-mail para os sindicalizados que possuem cadastro atualizado junto à secretaria do sindicato.

(Kim Queiroz)

ADUFRJ DIVULGA DOCUMENTOS PARA REFORÇAR SEGURANÇA DAS AULAS

A AdUFRJ preparou dois documentos para fortalecer a segurança das aulas gravadas, diante do ineditismo do ensino remoto para a maioria dos professores.

Um deles é um termo de confidencialidade: os professores poderão pedir que seus alunos assinem. “É um acordo entre

cada professor e aluno, onde o professor se compromete a produzir esses vídeos, e o aluno se compromete a não divulgar o material recebido”, disse o professor Josué Medeiros, diretor da AdUFRJ.

O outro é um tutorial sobre como preparar os vídeos no Youtube de modo privado, per-

mitindo acesso apenas a quem receber o link. “Como o Youtube é uma plataforma massificada, sobretudo entre os estudantes, é o melhor espaço para atendermos a essa demanda”, acrescentou Josué. “Se algum desses vídeos vazar e acabar sendo usado contra o professor, esses mecanismos vão poder



Em debate com PR-1, docentes relatam exaustão

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

A comunidade acadêmica mantém pulsante o debate sobre o calendário acadêmico. Na última edição, o **Jornal da AdUFRJ** publicou uma compilação de nove proposições que foram formalmente apresentadas na reunião do Conselho de Ensino de Graduação, do dia 21. Como forma de contribuir ainda mais para a troca de ideias, a AdUFRJ organizou um debate na última quarta-feira (26) entre a PR-1 e quatro professores – um da Comunicação, um da Letras, um do CCMN e uma da Farmácia – todos coordenadores de curso ou diretores de graduação. Os quatro fizeram uma série de questionamentos à pró-reitora Gisele Pires, e citaram bastante o estado de exaustão vivido pelos docentes. Mais de 50 professores participaram do encontro.

As principais preocupações que nortearam a discussão foram a necessidade (ou não) de um calendário pautado no resultado do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), de 2021.1; o fato de o PLE ter sido elaborado como período facultativo; a necessidade de intervalos administrativos maiores entre os períodos; o curto tempo entre a decisão do CEG – marcada para 2 de setembro – e o início de 2020.1, programado ainda para setembro; e, principalmente, a sobreposição do PLE ao primeiro período de 2020.1.

A presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller, abriu a reunião. “O objetivo foi trazer a equipe da PR-1 para esclarecer dúvidas que surgiram a partir da divulgação da proposta e professores que estão envolvidos com a resolução do problema do calendário na universidade, pois podem fazer uma indagação qualificada para nos ajudar neste debate”, explicou. Eleonora aproveitou para solicitar à pró-reitora os dados sobre adesão e início do PLE para subsidiar as discussões na universidade.

O professor José Ricardo França, do do Instituto de Geociências, lembrou do compromisso político estabelecido entre o



CEG e a comunidade acadêmica, de que o PLE seria facultativo. “Tenho muitos alunos que não conseguiram vagas ou não aderiram por qualquer outro motivo, assim como professores que não aderiram. Temos aulas de campo que só poderão voltar com vacina. Falamos aos calouros para pegarem poucas disciplinas. Foi garantido que esse conteúdo seria reposto em 2020.1”.

A professora Mirian Moura, da Faculdade de Farmácia, apresentou alguns questionamentos relacionados à concomitância entre o PLE e 2020.1. O Centro de Ciências da Saúde não é favorável à sobreposição de períodos. “Farmácia e outros cursos do CCS tiveram alunos que não conseguiram vagas no PLE, mas estão inscritos em 2020.1. Teremos disciplinas que precisarão ser ministradas duas vezes. E este é um complicador da sobreposição”.

Já o professor Sandro Tórres destacou cenário adverso vivido pelos estudantes da ECO. Pesquisa realizada pela direção da unidade indicou que 58% deles não estavam dormindo adequadamente e 30% afirmaram que seus responsáveis financeiros perderam o emprego na pandemia. Vinte por cento têm depressão diagnosticada. “Por tudo isso entendemos que o fato de o PLE ser facultativo foi um acerto”. Ele defendeu a proposta da ECO, da qual foi o principal formulador. “Se todos os professores estão oferecendo disciplinas com carga máxima no PLE, como eles vão dar discipli-

nas para os calouros de 2020.1, num período simultâneo? Os calouros nem eram citados nas regulações do PLE. O foco eram só concluintes”, justificou.

Para o professor Diogo Pinheiro, o calendário proposto pela PR-1 é “inexequível”. A Faculdade de Letras tem 26 cursos. “Temos 4.304 alunos de graduação. O volume de trabalho é brutal em todas as etapas de preparação de um período letivo. Concomitância e intervalo inferior a 20 dias entre os semestres tornam impossível a execução deste calendário”, criticou. Ele também fez um desabafo sobre o excesso de trabalho para implantação do ensino remoto. “Estamos exaustos! Não aguentamos mais trabalhar de domingo a domingo, 12 horas, 14 horas por dia. Estamos cansados fisicamente, emocionalmente e mentalmente”.

duas vezes por ano”.

Para o professor Diogo Pinheiro, o calendário proposto pela PR-1 é “inexequível”. A Faculdade de Letras tem 26 cursos. “Temos 4.304 alunos de graduação. O volume de trabalho é brutal em todas as etapas de preparação de um período letivo. Concomitância e intervalo inferior a 20 dias entre os semestres tornam impossível a execução deste calendário”, criticou. Ele também fez um desabafo sobre o excesso de trabalho para implantação do ensino remoto. “Estamos exaustos! Não aguentamos mais trabalhar de domingo a domingo, 12 horas, 14 horas por dia. Estamos cansados fisicamente, emocionalmente e mentalmente”.

Para o professor Diogo Pinheiro, o calendário proposto pela PR-1 é “inexequível”. A Faculdade de Letras tem 26 cursos. “Temos 4.304 alunos de graduação. O volume de trabalho é brutal em todas as etapas de preparação de um período letivo. Concomitância e intervalo inferior a 20 dias entre os semestres tornam impossível a execução deste calendário”, criticou. Ele também fez um desabafo sobre o excesso de trabalho para implantação do ensino remoto. “Estamos exaustos! Não aguentamos mais trabalhar de domingo a domingo, 12 horas, 14 horas por dia. Estamos cansados fisicamente, emocionalmente e mentalmente”.

Para o professor Diogo Pinheiro, o calendário proposto pela PR-1 é “inexequível”. A Faculdade de Letras tem 26 cursos. “Temos 4.304 alunos de graduação. O volume de trabalho é brutal em todas as etapas de preparação de um período letivo. Concomitância e intervalo inferior a 20 dias entre os semestres tornam impossível a execução deste calendário”, criticou. Ele também fez um desabafo sobre o excesso de trabalho para implantação do ensino remoto. “Estamos exaustos! Não aguentamos mais trabalhar de domingo a domingo, 12 horas, 14 horas por dia. Estamos cansados fisicamente, emocionalmente e mentalmente”.

nas para os calouros de 2020.1, num período simultâneo? Os calouros nem eram citados nas regulações do PLE. O foco eram só concluintes”, justificou.

Para o professor Diogo Pinheiro, o calendário proposto pela PR-1 é “inexequível”. A Faculdade de Letras tem 26 cursos. “Temos 4.304 alunos de graduação. O volume de trabalho é brutal em todas as etapas de preparação de um período letivo. Concomitância e intervalo inferior a 20 dias entre os semestres tornam impossível a execução deste calendário”, criticou. Ele também fez um desabafo sobre o excesso de trabalho para implantação do ensino remoto. “Estamos exaustos! Não aguentamos mais trabalhar de domingo a domingo, 12 horas, 14 horas por dia. Estamos cansados fisicamente, emocionalmente e mentalmente”.

nas para os calouros de 2020.1, num período simultâneo? Os calouros nem eram citados nas regulações do PLE. O foco eram só concluintes”, justificou.

Para o professor Diogo Pinheiro, o calendário proposto pela PR-1 é “inexequível”. A Faculdade de Letras tem 26 cursos. “Temos 4.304 alunos de graduação. O volume de trabalho é brutal em todas as etapas de preparação de um período letivo. Concomitância e intervalo inferior a 20 dias entre os semestres tornam impossível a execução deste calendário”, criticou. Ele também fez um desabafo sobre o excesso de trabalho para implantação do ensino remoto. “Estamos exaustos! Não aguentamos mais trabalhar de domingo a domingo, 12 horas, 14 horas por dia. Estamos cansados fisicamente, emocionalmente e mentalmente”.

Para o professor Diogo Pinheiro, o calendário proposto pela PR-1 é “inexequível”. A Faculdade de Letras tem 26 cursos. “Temos 4.304 alunos de graduação. O volume de trabalho é brutal em todas as etapas de preparação de um período letivo. Concomitância e intervalo inferior a 20 dias entre os semestres tornam impossível a execução deste calendário”, criticou. Ele também fez um desabafo sobre o excesso de trabalho para implantação do ensino remoto. “Estamos exaustos! Não aguentamos mais trabalhar de domingo a domingo, 12 horas, 14 horas por dia. Estamos cansados fisicamente, emocionalmente e mentalmente”.

Para o professor Diogo Pinheiro, o calendário proposto pela PR-1 é “inexequível”. A Faculdade de Letras tem 26 cursos. “Temos 4.304 alunos de graduação. O volume de trabalho é brutal em todas as etapas de preparação de um período letivo. Concomitância e intervalo inferior a 20 dias entre os semestres tornam impossível a execução deste calendário”, criticou. Ele também fez um desabafo sobre o excesso de trabalho para implantação do ensino remoto. “Estamos exaustos! Não aguentamos mais trabalhar de domingo a domingo, 12 horas, 14 horas por dia. Estamos cansados fisicamente, emocionalmente e mentalmente”.

nas para os calouros de 2020.1, num período simultâneo? Os calouros nem eram citados nas regulações do PLE. O foco eram só concluintes”, justificou.

Para o professor Diogo Pinheiro, o calendário proposto pela PR-1 é “inexequível”. A Faculdade de Letras tem 26 cursos. “Temos 4.304 alunos de graduação. O volume de trabalho é brutal em todas as etapas de preparação de um período letivo. Concomitância e intervalo inferior a 20 dias entre os semestres tornam impossível a execução deste calendário”, criticou. Ele também fez um desabafo sobre o excesso de trabalho para implantação do ensino remoto. “Estamos exaustos! Não aguentamos mais trabalhar de domingo a domingo, 12 horas, 14 horas por dia. Estamos cansados fisicamente, emocionalmente e mentalmente”.

nas para os calouros de 2020.1, num período simultâneo? Os calouros nem eram citados nas regulações do PLE. O foco eram só concluintes”, justificou.

Para o professor Diogo Pinheiro, o calendário proposto pela PR-1 é “inexequível”. A Faculdade de Letras tem 26 cursos. “Temos 4.304 alunos de graduação. O volume de trabalho é brutal em todas as etapas de preparação de um período letivo. Concomitância e intervalo inferior a 20 dias entre os semestres tornam impossível a execução deste calendário”, criticou. Ele também fez um desabafo sobre o excesso de trabalho para implantação do ensino remoto. “Estamos exaustos! Não aguentamos mais trabalhar de domingo a domingo, 12 horas, 14 horas por dia. Estamos cansados fisicamente, emocionalmente e mentalmente”.

nas para os calouros de 2020.1, num período simultâneo? Os calouros nem eram citados nas regulações do PLE. O foco eram só concluintes”, justificou.

Para o professor Diogo Pinheiro, o calendário proposto pela PR-1 é “inexequível”. A Faculdade de Letras tem 26 cursos. “Temos 4.304 alunos de graduação. O volume de trabalho é brutal em todas as etapas de preparação de um período letivo. Concomitância e intervalo inferior a 20 dias entre os semestres tornam impossível a execução deste calendário”, criticou. Ele também fez um desabafo sobre o excesso de trabalho para implantação do ensino remoto. “Estamos exaustos! Não aguentamos mais trabalhar de domingo a domingo, 12 horas, 14 horas por dia. Estamos cansados fisicamente, emocionalmente e mentalmente”.

nas para os calouros de 2020.1, num período simultâneo? Os calouros nem eram citados nas regulações do PLE. O foco eram só concluintes”, justificou.

Para o professor Diogo Pinheiro, o calendário proposto pela PR-1 é “inexequível”. A Faculdade de Letras tem 26 cursos. “Temos 4.304 alunos de graduação. O volume de trabalho é brutal em todas as etapas de preparação de um período letivo. Concomitância e intervalo inferior a 20 dias entre os semestres tornam impossível a execução deste calendário”, criticou. Ele também fez um desabafo sobre o excesso de trabalho para implantação do ensino remoto. “Estamos exaustos! Não aguentamos mais trabalhar de domingo a domingo, 12 horas, 14 horas por dia. Estamos cansados fisicamente, emocionalmente e mentalmente”.

nas para os calouros de 2020.1, num período simultâneo? Os calouros nem eram citados nas regulações do PLE. O foco eram só concluintes”, justificou.

Para o professor Diogo Pinheiro, o calendário proposto pela PR-1 é “inexequível”. A Faculdade de Letras tem 26 cursos. “Temos 4.304 alunos de graduação. O volume de trabalho é brutal em todas as etapas de preparação de um período letivo. Concomitância e intervalo inferior a 20 dias entre os semestres tornam impossível a execução deste calendário”, criticou. Ele também fez um desabafo sobre o excesso de trabalho para implantação do ensino remoto. “Estamos exaustos! Não aguentamos mais trabalhar de domingo a domingo, 12 horas, 14 horas por dia. Estamos cansados fisicamente, emocionalmente e mentalmente”.

nas para os calouros de 2020.1, num período simultâneo? Os calouros nem eram citados nas regulações do PLE. O foco eram só concluintes”, justificou.

Para o professor Diogo Pinheiro, o calendário proposto pela PR-1 é “inexequível”. A Faculdade de Letras tem 26 cursos. “Temos 4.304 alunos de graduação. O volume de trabalho é brutal em todas as etapas de preparação de um período letivo. Concomitância e intervalo inferior a 20 dias entre os semestres tornam impossível a execução deste calendário”, criticou. Ele também fez um desabafo sobre o excesso de trabalho para implantação do ensino remoto. “Estamos exaustos! Não aguentamos mais trabalhar de domingo a domingo, 12 horas, 14 horas por dia. Estamos cansados fisicamente, emocionalmente e mentalmente”.

nas para os calouros de 2020.1, num período simultâneo? Os calouros nem eram citados nas regulações do PLE. O foco eram só concluintes”, justificou.

Para o professor Diogo Pinheiro, o calendário proposto pela PR-1 é “inexequível”. A Faculdade de Letras tem 26 cursos. “Temos 4.304 alunos de graduação. O volume de trabalho é brutal em todas as etapas de preparação de um período letivo. Concomitância e intervalo inferior a 20 dias entre os semestres tornam impossível a execução deste calendário”, criticou. Ele também fez um desabafo sobre o excesso de trabalho para implantação do ensino remoto. “Estamos exaustos! Não aguentamos mais trabalhar de domingo a domingo, 12 horas, 14 horas por dia. Estamos cansados fisicamente, emocionalmente e mentalmente”.



Alegria e apreensão marcam início das aulas virtuais

> Professores de diferentes cursos relatam como lidaram com as ferramentas do ensino a distância e como interagiram com as turmas, na primeira semana do Período Letivo Excepcional

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

Os professores da UFRJ experimentaram diferentes sensações na primeira semana do Período Letivo Excepcional. A apreensão com a eficácia das aulas mediadas por tecnologia se misturou com a alegria pela retomada dos vínculos com os alunos.

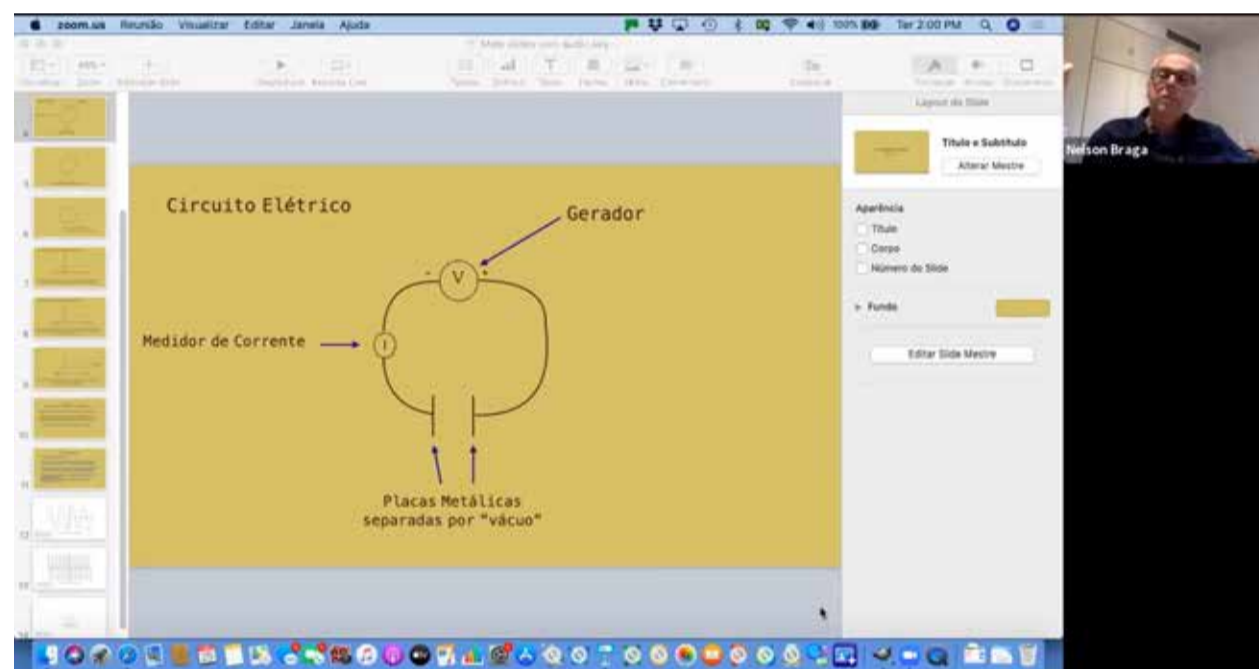
Alguns passaram por uma adaptação mais tranquila. O professor Guilherme Travassos, da Coppe, leciona Desenvolvimento de softwares orientados a objetos, disciplina eletiva do curso de Engenharia de Computação e Informação. “Estou envolvido no projeto do Cederj desde o início. Tenho familiaridade com o Moodle”, contou o docente, que já usava tecnologias digitais de apoio na disciplina. Mesmo assim, a modalidade remota traz o desafio de criar o ambiente onde o trabalho dos alunos possa ser materializado. São 15 inscritos no PLE, número próximo dos que fazem a disciplina normalmente. “A turma desenvolve um projeto de software. Não posso ter muitos alunos, mesmo em ambiente real, porque o programa tem todo um aspecto de mentoria e acompanhamento”

Guilherme também vai fazer um encontro síncrono semanal com a turma pelo programa Jitsi. “Essa dinâmica é importante. Os encontros das aulas servem para eles apresentarem o que foi construído ao longo da semana”, afirmou. O docente avalia que o PLE é uma ótima oportunidade para a universidade. “Está sen-

do excelente para estabelecermos essa ligação com os alunos, que é muito importante, e para evoluirmos na estrutura de trabalho de ensino com atividades remotas”.

Kátia Tavares, professora da Faculdade de Letras, também tem familiaridade com tecnologia de ensino remoto, mas leciona para um número muito maior de alunos. Suas turmas de Inglês Instrumental I e II, na Letras, e Inglês Instrumental na Licenciatura em Biologia somam 140 estudantes. Nas três disciplinas, vão predominar as atividades assíncronas, e os alunos vão usar a plataforma moodle Letras 2.0. “Essas disciplinas já utilizavam o moodle. Fazia sentido manter o que está lá, e acrescentar mais conteúdo”, disse. As duas disciplinas da Letras são divididas com a professora substituta Valeska Serafim, e ambas vão participar das atividades síncronas, no Google Meet. Para Kátia, as primeiras semanas também são importantes para se aproximar da turma. “Temos que acolher o aluno, orientá-lo, sem nos desesperarmos”, defendeu.

A sala de aula virtual da disciplina Intelectuais Negras, ministrada pela professora da Faculdade de Educação Giovana Xavier, revelou ser esse espaço acolhedor, e de troca entre os estudantes. “Senti que as pessoas estavam, dentro dos limites do atual momento, animadas de retomar a rotina acadêmica”, afirmou. “Proporcionar esses encontros pelo ambiente virtual está sendo positivo. Interagir com a turma, perguntar como está sendo a sua experiência na pandemia”, explicou. Giovana dará aulas exclusivamente sín-



INVESTIMENTO O professor Nelson Braga usa uma mesa digitalizadora para atuar no PLE

cronas. Totalmente contrária às aulas remotas como modelo permanente de ensino, a docente encontrou no PLE uma janela de observação da realidade, graças aos depoimentos de algumas das alunas. “Revela a desigualdade dentro do espaço acadêmico. Meninas de bairros distantes falando que não tinham como atravessar a cidade para fazer minha disciplina, na Praia Vermelha”, observou.

Sua primeira aula de Intelectuais Negras, por exemplo, terminou com cada estudante usando uma palavra para explicar o que significou aquele momento. “Produzimos muito conteúdo em turma. Fico pensando se para quem trabalha em uma dinâmica de usar mais o quadro, como deve ser produzir um material de qualidade, e, ao mesmo tempo, não correr risco de deixar a aula monótona”.

Para fugir dessa monotonia, o professor Nelson Braga, do Instituto de Física, resolveu se rein-

ventar para tornar a dinâmica das aulas mais atraente.

Nelson usou uma mesa digitalizadora para simular uma lousa, e aprendeu edição de vídeo para apresentar o conteúdo da disciplina Mecânica Quântica. O material é enviado antes dos encontros síncronos com a turma, chamados por ele de “reunião-aula”, feitos pelo Zoom.

“Estou gostando muito da combinação dos vídeos com essa reunião com a turma, quando procuro passar ânimo e energia para eles”, relatou. A novidade fez Nelson, que dá aulas há 30 anos, sentir-se ansioso como se fosse sua primeira vez em frente a uma turma. “Quando acabou, deu aquela sensação boa, me senti animado. Estava sentindo falta de dar aula”, confessou.

Professor da disciplina Direito Administrativo na Faculdade de Direito, Fábio de Oliveira ficou impressionado com as possibilidades oferecidas pela plataforma AVA moodle,

e pretende continuar usando o sistema quando as aulas presenciais retornarem. “O AVA é uma plataforma muito boa, estou impressionado. Ela tem vários recursos úteis. O curso fica bem organizado”, disse. As aulas serão assíncronas, com encontros síncronos ao fim de cada módulo do curso.

A empolgação com a tecnologia não contagiou a professora Sílvia Lorenz Martins, do Observatório do Valongo. No curso de Tópicos avançados em Astronomia - Mineralogia, disciplina eletiva, escolheu dar aulas síncronas, que são gravadas e disponibilizadas para os alunos que não puderam acompanhar ao vivo. Sílvia acha que há perda nas aulas remotas. “Prefiro aulas presenciais porque há uma interação maior com os alunos. No online você quase não vê a carinha deles. Não dá para saber suas reações”, observou. “Mas é o que temos no momento”, resignou-se a professora.

Ensino remoto começa, mas não é igual para todos

> Estudantes mostram diferentes experiências com o início do Período Letivo Excepcional na UFRJ. Chips ainda não chegaram para alguns que residem fora do estado, por conta da greve dos correios

LIZ MOTA ALMEIDA
comunica@adufrrj.org.br

A adaptação ao ensino remoto é bastante diversificada entre os estudantes. Para alguns, a experiência se revela mais leve; outros não se sentem tão confortáveis. Enquanto alguns veem as vantagens de não precisarem se deslocar até o campus; outros necessitam fazer grandes deslocamentos para conseguir uma internet de qualidade.

“O PLE é uma experiência única, que vai transformar a gente por completo. Nosso ensino presencial nunca mais vai ser o mesmo”. É a opinião da estudante de Enfermagem Victoria Cristina, de 21 anos, que não sofreu dificuldades na fase de inscrições. “Achei tranquilo. Nas minhas disciplinas, havia bastantes vagas”, conta. “Mas sei que meus colegas de outros períodos tiveram esse problema, de disciplinas com 10 vagas e 100 alunos querendo entrar”, relata.

Duas das três disciplinas da estudante começaram nesta semana e os professores disponibilizaram o material pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Os encontros síncronos são gravados para quem não puder comparecer. “Batemos muito nessa tecla com os professores. Alguns disseram até que só precisavam passar o conteúdo, que não tinham que mandar vídeo-aula e gravar nada”, lembra. “Mas a gente lutou por isso, e acabamos convencendo os professores de que não é assim. Cada caso é um caso. Não podemos deixar que um aluno

fique sem conteúdo ou sem tirar a dúvida por que simplesmente o professor não quis apertar o botão de gravar”, reitera.

Victoria também fez parte do grupo de voluntários, mobilizados pela Coordenação de Enfermagem e reitoria, para a entrega de chips aos estudantes. “Por questão de biossegurança, foi muito legal que colocassem a galera da Saúde para fazer esse trabalho”, diz. “Porque temos que passar álcool o tempo todo na mão. Às vezes, a galera não leva caneta e temos que higienizar, manter o distanciamento”, explica. Para a estudante, a entrega de chips também foi tranquila. “O pessoal já sabia como fazer, foi rapidinho, cinco minutos de espera. Todo mundo manteve o distanciamento, foi de máscara, a maioria levou caneta”, detalhou.

Não é a realidade de todos. Em Vale Verde, distrito de Porto Se-

guro na Bahia, Denildo Vidal, de 27 anos, espera a chegada do chip prometido pela universidade. O estudante, que está no último semestre de Design, relata problemas com o uso de internet. “O sinal é ruim aqui. Mas, com o dinheiro do auxílio-equipamento, encontrei um modem rural que conecta ao chip”, explica. “Comprei e coloquei aqui pela internet do meu celular, já que não recebi ainda o chip da UFRJ; ele está em trânsito devido à greve dos correios”, conta.

Mas nem sempre o procedimento funciona, conta Denildo. “Se não der certo, eu tenho que viajar mais de 60 quilômetros até a casa da minha irmã para poder acessar a internet”, afirma. “Coloco o crédito de R\$ 20 a R\$ 30 reais por semana. Ai recebo 3 gigas e fico regravando a internet para poder estudar”, explica. Caso não consiga conectar, Denildo pega a

estrada de Vila Verde até Arraial D’Ajuda, onde sua irmã mora. “Eu vou até lá para poder conectar e ter a aula, mas por enquanto eu não precisei fazer isso”.

Eduarda Vasconcelos (21), estudante de Nutrição do campus Macaé, foi beneficiada com um chip. Moradora de Conceição de Macabu, a 60 quilômetros de Macaé, teve de ir ao campus buscar o material. “Fiquei um pouco chateada, porque achei que pudesse ter a opção de enviar pelo correio”, conta. “Por mais que eu more numa cidade vizinha, tive que ir lá e tem toda aquela preocupação de me contaminar. Por mais que eles tenham agendado horário certo e não houve aglomeração na faculdade, eu tive que ir de ônibus até Macaé”, explica. Para a estudante, pelo menos, o esforço valeu a pena. “A verdade é que está funcionando bem o chip. Desde segunda-feira,

estou usando tanto para as aulas como para o projeto de extensão”.

Para Diana Tabach (21), estudante de Geologia, o PLE está sendo bom por não ter que se deslocar até a faculdade. “Eu moro no Recreio e estudo no Fundão”, afirma Diana, que normalmente levaria cerca de uma hora e meia para chegar à faculdade. Devido ao estágio, a estudante relata dificuldade em conciliar o ritmo do PLE e das obrigações. “Por isso, puxei menos matérias, matérias mais leves. E também porque não estou num momento muito bom psicológico”, explica. “Mas eu acho que vai dar certo sim”, diz.

Existem lares que estão vivendo os dois lados do ensino remoto. Ícaro Sol, estudante de Engenharia Elétrica no CT e sua mãe, a professora Luciana Salgado, do Instituto de Matemática, estão se ajustando ao novo cotidiano. “A rotina da casa foi modificada porque a gente teve que determinar alguns dias para cada um ficar responsável pela comida ou arrumação”, conta. “Antes era mais tranquilo, porque almoçávamos sempre fora, eu comia no bandeirão e a casa também ficava menos desarrumada, porque transitávamos menos nos ambientes”, explica. Ícaro considera interessante a experiência de ensino remoto até o momento. “É um estresse diferente, não é mais nem menos”, afirma. “Ajudei minha mãe em algumas coisas que achava melhor para ela adaptar”, lembra. “Ajuda um aluno estar aqui do lado para falar mais ou menos qual forma seria melhor, e ela acatou a maior parte das minhas dicas.”



MÃE E FILHO dividem o mesmo ambiente de trabalho e estudo. Ela, professora. Ele, aluno da UFRJ

DEPOIMENTO



LIZ MOTA ALMEIDA
Estudante de Jornalismo da ECO-UFRJ e estagiária da AdUFRJ

Quando escolhi estudar na UFRJ, tive que me despedir da minha família e do que conhecia como casa para abraçar esse sonho. Desde então, vivo o constante ir e vir entre Rio de Ja-

neiro, uma cidade onde estudo, e Salvador, onde passo as férias. Em 13 de março, dia em que retornaria para o Rio em função do início de 2020.1, fui informada de que as aulas seriam adiadas por 14 dias, devido ao ainda novo coronavírus. Continuei em minha casa, mas dessa vez sabia que não seriam férias.

Seis meses se passaram do dia em que não voei, quando a pandemia cruzou a minha vida. Apesar de aqui em casa aparentemente nada ter mudado, já posso perceber o “novo normal”. Na primeira semana de período remoto, as novidades não estiveram, para mim, apenas no campo das aulas.

Enquanto assisto às aulas ao

vivo, o ambiente familiar conforta o meu aprendizado. Entre as cinco disciplinas que estou cursando, sempre há um tempo para uma conversa ou um café. Estar perto de quem se ama facilita qualquer processo.

Para mim, o PLE é um desafio não só pela novidade que representa, mas pela complexidade em se estabelecer uma conexão real entre as telas. Professores e alunos, juntos, enfrentam os percalços do Siga e do Classroom, mas ainda é difícil para a maioria de nós aparecer na tela. Uma vergonha que, espero eu, passe com o tempo.

Pelo mural do Classroom, posso acessar os trabalhos e textos necessários para seguir

adiante. Tudo online, nada de papel. É quando lembro de Itamar, o famoso Ita da Xerox, quem costumava ser o guardião de todos os arquivos do semestre, catalogados por pastas na sua pequena sala na Escola de Comunicação.

Em casa, tenho que dividir melhor meu tempo, para que os afazeres domésticos, estudos e estágio entrem em sintonia. O começo foi cansativo.

Agora tenho 18 horas por semana ocupadas em lives. Mas assistir aos rostos conhecidos melhoram o dia. Sentir o vibrar dos professores, ainda acostumando-se, como nós, à novidade. Agora, somos todos calouros do ensino à distância.

É a primeira vez, em 21 anos, que tenho que conciliar estudos e trabalho. O estágio na AdUFRJ apareceu na minha vida em abril, em plena pandemia, já em home office. É meu primeiro trabalho e nunca poderia imaginar que seria dessa maneira, mas que bom que é. Espero me sentir próxima aos meus colegas quase jornalistas, assim como me sinto com a equipe incrível de jornalistas que pude conhecer nas incontáveis reuniões de pauta nesses quatro meses.

Como se diz aqui na Bahia, “só vence quem luta”. Começo o PLE empolgada e ávida pelo conhecimento, relembrando à minha mente o prazer que sinto em ser estudante.

PLE EM DADOS

70,2%
das disciplinas de 2020-1
são oferecidas no PLE

5.850
disciplinas em 2020-1,
90 vagas por turma em
média

CERCA DE 119
disciplinas entre extensão
e projeto de final de curso
não oferecidas no PLE

4.108
disciplinas no PLE,
60 vagas por turma em
média

CERCA DE 25
disciplinas entre extensão
e projeto de final de curso
não oferecidas em 2020-1

PARANGOLÉ

Tecnologia deve ser usada em favor da Educação

KIM QUEIROZ
comunica@adufrj.org.br

A tecnologia apresenta novos desafios e novas possibilidades, mas a necessidade de defender a Educação e a Cultura permanece igual. Esse foi o tom do último Parangolé da Cultura na Universidade, evento organizado pelo Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, no dia 25. “A nossa luta vai ter que continuar, porque ela não começou na pandemia”, disse Miriam Struchiner, do Laboratório de Tecnologias Cognitivas (LTC/NUTES) da UFRJ. A docente apontou que as principais dificuldades da Educação não se resumem ao ensino remoto. “A gente está vivendo muitos retrocessos.

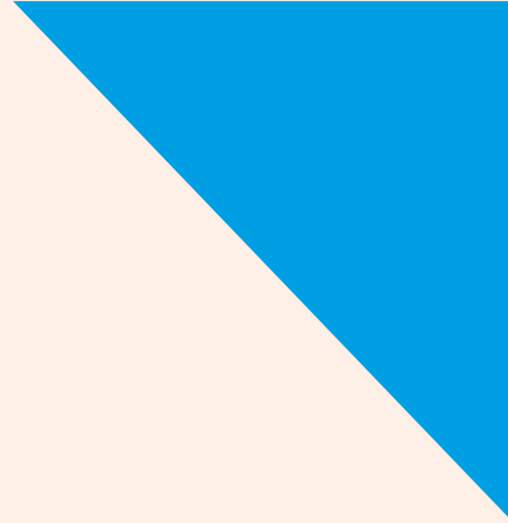
A nossa luta não está na tecnologia, está além dela. O que nós não podemos nesse momento é esmorecer”, completou. A utilização dos meios digitais, ainda inédita para a maioria dos docentes, deve ser pensada como um aspecto a mais na produção de conhecimento. “Quando incorporamos as tecnologias ao processo educacional, precisamos entender que não se trata de transpor o presencial para o remoto, mas sim de uma linguagem nova”, frisou Miriam.

A professora entende que alguns colegas julguem a experiência do ensino remoto como uma ameaça ao modelo presencial, mas salientou que a Universidade não pode ficar para trás. “A cultura digital já está inserida no processo educativo, queiramos ou não, pois ela está

na sociedade. Mas o processo educativo também precisa contribuir com a cultura digital, e estar inserido nela”, concluiu

Alexandre Pilati, do Instituto de Letras da UnB, também entende que as novas tecnologias devem ser aproveitadas para a produção de alternativas. “A tecnologia possibilita algumas coisas que podemos explorar para ter um alcance maior da Universidade”, disse. “O principal desafio é que a tecnologia ainda guarda uma tendência à unilateralização do processo de transmissão do conhecimento”, lembrou. Segundo ele, é preciso desenvolver mecanismos para vencer essa limitação e democratizar o espaço de ensino. “A tecnologia em si não vai salvar nem condenar ninguém. Mas a maneira como ela se relaciona com a infraestrutura desse mundo em que a gente vive é o que vai fazer toda diferença”, afirmou Pilati.

A rica elaboração de alguns conteúdos já disponíveis na internet contribuiu



para a preparação de aulas remotas de Felipe Rosa, vice-presidente da AdUFRJ e professor do Instituto de Física. O docente também é um entusiasta do aperfeiçoamento do ensino tradicional com a ajuda das inovações tecnológicas. “É incrível como as equações e os conceitos podem ganhar vida com ajuda de animações, trechos de filmes e outros recursos virtuais”.

Maria Cecília Chaves, professora da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, reforçou o argumento. A docente lamentou o ano letivo “quase inteiramente perdido”, mas vê potencial para crescimento. “O importante é que a gente aprenda tudo aquilo de positivo para agregar novas possibilidades no futuro”.

ARTE É REFLEXÃO

A professora Martha Werneck, da Escola de Belas Artes da UFRJ, pontuou a relevância da cultura durante a pandemia.

“Quando trabalhamos com novas tecnologias e percebemos a imagem como conhecimento, começamos a sacar como podemos usar isso melhor”, disse a docente. Martha defende a arte como um ambiente educativo essencial. “As pessoas precisam de mais arte nesse momento, porque a arte é um escape. Mas não um escape do mundo, ela é uma reflexão de como o mundo está”.

De fora da UFRJ, veio uma solicitação para a universidade dialogar com todas as camadas populares, a exemplo da Cultura. “A principal discussão social que nós precisamos fazer é: de que maneira a gente consegue pluralizar o nosso conhecimento para abrir mais mentes?”, indagou Deivid Domênico, compositor e cantor de samba do Rio de Janeiro. “Ou a gente começa a discutir a democracia por baixo, e começa a ouvir quem mais precisa, ou a coisa vai ficar complicada”, afirmou.



CORTE ORÇAMENTÁRIO PARA 2021 PROPOSTO PELO GOVERNO OBRIGA A UFRJ A REDUZIR 20% DAS DESPESAS JÁ EM 2020

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

O corte linear de 18,2% no orçamento discricionário de todas as universidades para 2021 vai obrigar a UFRJ a fazer cortes drásticos já neste ano. Nesta sexta (28), a pró-reitoria de Planejamento e Finanças já solicita à pró-reitoria de Governança a redução de até 25% em todos os contratos. O percentual que será alcançado depende da negociação com uma parte das empresas e da análise de cada serviço, mas a reitoria pretende diminuir 20% dos gastos para a instituição manter um mínimo de funcionamento no próximo ano.

“A previsão até aqui é terminarmos 2020 com dois meses (de contas) em aberto para 2021”, informou o pró-reitor de Planejamento, professor Eduardo Raupp, à plenária de decanos e diretores realizada dia 25. Com a “tesourada” do governo, que retira os recursos de custeio de mais dois meses, a UFRJ ficaria com um passivo de quatro meses impossível de ser gerenciado. “Nosso orçamento de 2020, de R\$ 374 milhões cairá para



Essas medidas serão muito duras para todos nós. E não vamos poder aguardar o ano que vem

EDUARDO RAUPP
Pró-reitor de Planejamento

R\$ 303 milhões”, afirmou o dirigente. A administração central também explicou por que busca o índice de 20%. “A UFRJ gasta, em média, R\$ 30 milhões por mês para custear suas atividades. “Os 20% representariam uma economia de R\$ 6 milhões. De setembro a dezembro, somariam R\$ 24 milhões”, afirmou Raupp. Como a reitoria trabalha com a perspectiva de receber uma suplementação orçamentária entre R\$ 6 milhões e R\$ 9 milhões ainda em 2020, seria possível pagar as contas de mais um mês. “Levaríamos para o ano que vem não dois meses de déficit, mas apenas um”, completou.

Ao subfinanciamento pelo governo se somou outro problema também causado pela gestão Bolsonaro: no início deste ano, o BNDES deixou de alugar um andar que pertence à universidade em um prédio do centro da cidade. A medida representa uma perda de R\$ 10 milhões anuais para as receitas próprias da UFRJ. E ainda não há interessados no imóvel. “Temos a redução este ano que continua para o ano que vem, já que não entrou outro inquilino”, disse o pró-reitor.

O trabalho de refinamento das despesas já vinha sendo feito, pois as estimativas superam os limites aprovados pelo Conselho Universitário. “No caso da Light, temos R\$ 48 milhões de orçamento aprovado no Consuni para um gasto previsto de R\$ 58 milhões. Em segurança, R\$ 38 milhões para um gasto de R\$ 48 milhões”, informou o pró-reitor. Mas o corte de 18,2% apressa a iniciativa. “Essas medidas serão muito duras para todos nós. E não vamos poder aguardar o ano que vem”, completou.

A pandemia provocou uma redução forçada de alguns gastos, como diárias e passagens, energia e água. Mas

insuficiente para fazer frente ao corte proposto pelo governo. No caso da Light, outra dificuldade é que os contratos são feitos por carga e não por consumo. “Estamos estudando medidas administrativas e até judiciais para recuperar a diferença”, observou o dirigente.

SEM DINHEIRO PARA EPI

Raupp também esclareceu à plenária de decanos e diretores que a reitoria não possui recursos para a compra de equipamentos de proteção individual que sejam destinados a eventuais atividades acadêmicas presenciais das unidades no curto prazo. Nem estoque. “A universidade se reorganizou para aquisição desses equipamentos e distribuição com prioridade absoluta para assistência hospitalar e para laboratórios com testagem de Covid”, afirmou.

A reitora Denise Pires de Carvalho solicitou aos decanos e diretores que entrem em contato com os representantes da bancada federal do Rio para influenciar a votação no Congresso. “Qualquer força junto ao parlamento é fundamental”, disse.